

UMA ENTREVISTA EM ANÁLISE: OLHARES DIVERSOS

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang (coordenadora)³³

Olga Cabrera³⁴

Olga R. de M. von Simson³⁵

Marilda Aparecida Menezes³⁶

APRESENTAÇÃO

Falamos de História Oral, uma metodologia de pesquisa utilizada para o estudo do tempo presente e passado recente, tomando como fonte principal de dados a visão e a versão de pessoas que viveram os fatos, processos e experiências em estudo. Trabalha-se em geral com narrativas coletadas através de entrevistas, em um processo dialógico que passa pela gravação e posterior transcrição, culminando na construção de um documento, marcado pela interação entre pesquisador e pesquisado.

A pesquisa segue alguns passos necessários: parte de uma questão que se quer estudar e que deve ser claramente formulada; são a seguir buscados trabalhos que trataram do tema, observando as conclusões a que chegaram e os caminhos percorridos. Procede-se ao delineamento do quadro teórico orientador dos rumos da pesquisa e da interpretação dos resultados; procede-se ao delineamento do contexto econômico, social e político onde se insere o fenômeno que se quer estudar.

³³ Doutora em Sociologia pela USP e pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) e foi vice-presidente da Associação Brasileira de História Oral (ABHO).

³⁴ Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), é doutora em História da América pela *Universidad La Habana*, Cuba; com pós-doutorado na *Universidad Complutense* de Madrid, Espanha.

³⁵ Doutora em sociologia pela USP, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP), diretora do Centro de Memória da Unicamp e foi presidente da Associação Brasileira de História Oral (ABHO).

³⁶ Doutora em Sociologia pela *Manchester University*, é professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS).

Segue-se a fase da coleta dos dados, orientada pelos objetivos da pesquisa. São estabelecidas as características requeridas para os narradores; é feito o contato com possíveis entrevistados, definido do tipo de dados que se quer obter, preparada e realizada a entrevista gravada.

Observamos a importância de um caderno de campo onde são registradas as experiências e a vivência do processo de pesquisa, que se reveste de grande utilidade na interpretação dos dados.

É então elaborada a transcrição e conferência da gravação, a edição ou textualização da entrevista. Procedem-se à análise de cada relato quanto à forma e ao conteúdo, à análise comparativa dos relatos e, finalmente, à análise e interpretação dos resultados obtidos em função da proposta inicial que pode sofrer modificações no decorrer da pesquisa.

O *workshop*³⁷ cujos resultados são aqui apresentados focalizou a análise de uma entrevista, observando-se que não há entre os pesquisadores que trabalham com História Oral um consenso quanto à forma de trabalhar com os documentos construídos a partir de uma narrativa.

Há aqueles que consideram que o documento construído fala por si e cabe ao pesquisador simplesmente publicar a transcrição ou a edição, embora certamente indicando o objetivo e a maneira como a entrevista foi realizada. Acreditam que a interpretação cabe ao leitor.

Outra posição é a dos pesquisadores que consideram que o documento responde às questões da pesquisa dentro da qual foi coletado, pois foi em função dos objetivos da pesquisa que os entrevistados foram escolhidos e orientada a coleta das narrativas. Requer-se nesta perspectiva a análise e interpretação dos documentos criados.

Os documentos elaborados em uma pesquisa são arquivados. Importante questão diz respeito aos arquivos, considerando a preservação e utilização do documento gerado. Compreende o arquivamento um resumo do projeto, as questões que o orientaram, além de informações sobre os procedimentos seguidos no processo de coleta de dados, assim como sobre o trabalho que a ele se seguiu. Para cada entrevistado forma-se um dossiê compreendendo a identificação do entrevistado, observações sobre a indicação, o contato, a realização da entrevista e contatos posteriores.

³⁷ O workshop "Uma entrevista em análise: olhares diversos" teve lugar durante o VII Encontro Nacional de História Oral, realizado em junho de 2002, em São Paulo. Dele participaram Alice Beatriz da Silva Gordo Lang (coordenadora), Marilda Aparecida Menezes, Olga Cabrera, Olga R. de M. von Simson – autoras deste artigo – e Marieta de Moraes Ferreira (CPDOC-FGV).

Compreende também as fitas gravadas, a transcrição literal e a edição, devendo constar anotados os critérios e orientações seguidos.

Acreditando na riqueza e nas possibilidades da análise, tomamos uma entrevista para objeto de reflexões. A entrevistada é Anália, imigrante portuguesa que concedeu em entrevista um relato de sua vida, coletado através da metodologia da História Oral,

O relato foi obtido dentro do projeto de pesquisa "Portugueses em São Paulo (1950-1963)"³⁸, que teve por objetivo conhecer o processo migratório e, através da metodologia da História Oral, apreender a experiência e a vivência da imigração pela voz dos imigrantes, focalizando a reconstrução do processo identitário no país de acolhimento.

Algumas notas sobre o projeto ajudam o leitor a melhor compreender as análises apresentadas. A emigração portuguesa para o Brasil é uma emigração peculiar por ter sido o país descoberto e colonizado por portugueses. São emigrantes³⁹ que buscam um país onde se fala a mesma língua, um país que foi considerado o destino natural dos portugueses que deixavam sua terra natal, um país onde iriam encontrar parentes e conterrâneos, um país no qual visualizavam a possibilidade de conseguir uma vida melhor.

O projeto focalizou o período 1950-1963, anos em que a imigração foi incentivada pelo governo brasileiro devido aos processos de industrialização e urbanização que requeriam muita mão de obra. Nesse período entraram no Brasil 772.161 imigrantes, dos quais 299.801 eram portugueses (41,51%), a maior parte deles vindo para São Paulo e para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Em 1950 residiam na cidade de São Paulo 135.438 portugueses. A partir de 1964 os números da emigração portuguesa para o Brasil caíram vertiginosamente, pois os emigrantes portugueses passaram a buscar outros destinos: França, Alemanha, Estados Unidos e Canadá.

Os imigrantes que vieram para São Paulo provinham em geral do norte de Portugal e da Ilha da Madeira, regiões empobrecidas de pequenas propriedades agrícolas, configurando uma imigração econômica. Havia também casos de imigração política dos que se opunham ao regime salazarista, dos jovens que 'fugiam à tropa' para não serem incorporados ao exército e enviados à África, e de alguns, menos numerosos, que vinham por motivos pessoais ou outros. Em grande parte dos casos as motivações se somavam.

³⁸ Projeto realizado no CERU por uma equipe coordenada por Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, entre 1997 e 2000.

³⁹ Emigrantes são aqueles que deixam o país de origem, tornando-se imigrantes ao adentrar as fronteiras do país de destino.

Trabalhando com relatos de vida de imigrantes que realizaram o percurso migratório, o projeto teve por objetivo conhecer a experiência e a vivência dos imigrantes e apreender o processo de reconstrução de sua identidade no país de acolhimento.

A imigração foi estudada como processo que se desenvolve através de etapas sucessivas: no país de origem, a decisão de partir e os preparativos; a viagem, marco significativo de passagem; os primeiros tempos no país de acolhimento; o momento da decisão: retornar ou permanecer, sendo que no primeiro caso segue-se a reinserção no país de origem e no segundo, a inserção em caráter mais definitivo no país de acolhimento. (Rocha-Trindade, 1995)

O percurso migratório orientou a condução das entrevistas e se reflete na edição; a mesma orientação seguida para a coleta e trabalho com os diferentes relatos possibilita a comparação, através da qual se destacam os aspectos estruturais, os conjunturais e os pessoais.

O quadro de entrevistados foi construído mediante indicações, tendo-se como critério inicial de escolha o fato da imigração ter se realizado no período considerado (1950-1963), buscando-se a diversificação. Foram entrevistados 30 imigrantes que adentraram na cidade de São Paulo nesse período. Chegamos aos entrevistados por indicações e pelo sistema de 'bola de neve' através do qual um entrevistado indica outro.

Cabe observar alguns aspectos comuns às entrevistas coletadas dentro do projeto, tendo presente que a Sociologia, ciência orientadora do projeto, pauta-se pela comparação. A consideração do conjunto dos relatos coletados indicou traços comuns:

- A situação difícil em Portugal, econômica e em alguns casos política, que ensejou a decisão de partir.

- A escolha do Brasil, terra onde se fala a mesma língua, visto como o "país das patacas" onde o sonho do enriquecimento e ascensão sócio-econômica poderia quiçá ser alcançado.

- A partida anterior de parentes ou conterrâneos.

- A coragem de partir.

- A forma da imigração, muitas vezes partindo inicialmente os homens sós, para depois de alguns anos, já em melhores condições, chamar a família.

- As dificuldades nos primeiros tempos em terra estranha.

- O apoio de parentes e conterrâneos.

- A omissão ou minimização de desentendimentos nas narrativas.

- A preservação das lembranças de Portugal.

- Os sucessos alcançados e sua demonstração no local de origem.

- A manutenção de fortes laços com a terra de origem.

Apresentamos a seguir um resumo do relato de Anália, mostrando a trajetória desta imigrante que decidiu permanecer em São Paulo, embora indicando que os laços com o país e especialmente com a aldeia de origem não se romperam⁴⁰. O relato de Anália, foi escolhido por parecer paradigmático da situação de imigração econômica, motivação que impulsionou a vinda da maior parte dos imigrantes do período estudado.

Observa-se inicialmente que a própria forma de condução da entrevista para a coleta dos relatos e posteriormente o trabalho de edição são direcionados e reveladores da preocupação orientadora do projeto de pesquisa que os originaram.

Anália, a imigrante

Anália nasceu em Beiriz, aldeia pertencente a Póvoa do Varzim, em 30 de março de 1946. A família era pobre, o pai canteiro, a mãe tecia tapetes de retalhos de tecidos e também trabalhava no campo Moravam na casa da avó paterna. Eram quatro irmãos, mas vários tinham morrido ainda pequenos.

Nós éramos pessoas muito pobres mesmo. Que até necessidade a gente não passava porque, coitados, eles trabalhavam, mas era assim, bem contada a comida, o sapato, se ia tirar fotografia, pedia o sapato do vizinho emprestado. Até às vezes, alguma peça de roupa, não é? Porque nós éramos pessoas muito pobres mesmo.

Foi uma vida difícil. Anália estudou até o quarto ano na escola local. Conservou muitas lembranças da vida na aldeia, da escola, da professora, das festas da igreja.

A padroeira da minha aldeia é Santa Eulália mas a festa que se faz é de São Gonçalo. É o primeiro domingo de julho é que se realiza a festa de São Gonçalo. Era assim, uma festa muito bonita que tinha... Eram 3 dias de festa. Começava na sexta-feira, à noite. E era sábado, domingo e segunda-feira. E quando

⁴⁰ A entrevista foi concedida a Alice Beatriz da Silva Gordo Lang em 17-09-98, na residência de Anália. A edição foi a ela encaminhada e por ela aprovada.

tinha a festa do padroeiro, a gente ia vestido de anjo, ou de Santa Eulália que era a padroeira da terra. Os meninos iam vestidos de São Gonçalo, as meninas de Santa Luzia, de Nossa Senhora da Conceição... E depois, Beatriz... tinha procissão. Procissão enorme. E o que, por exemplo, umas 10 crianças, 50, 60 crianças. Porque era engraçado, Beatriz. Porque as crianças que se vestiam de anjo, depois ganhavam um pão que a gente chamava de cacete. Que era tipo uma bengala. Sabe... um filão, que antigamente... E até a gente gostava de ir vestido de anjo ou vestido do padroeiro da terra ou de outro santo, porque ganhava esse pão! Então era mais uma maneira de se comer uma coisa diferente. Porque o pão tradicional era pão de milho. E era um pão áspero, sabe? E depois a gente fazia pra 15 dias.

Anália fala da madrinha que fizera uma promessa de mandá-la à procissão e então pagava a roupa. Depois da procissão, havia a festa, fogos de artifício, danças, brincadeiras. As festas realizavam-se em todas as aldeias, cada uma em um dia.

As mulheres da aldeia (como a avó e a mãe), trabalhavam ‘no jornal’ colhendo linho, centeio ou cevada. As mulheres iam e voltavam cantando.

E aí, Beatriz, depois dessas mulheres trabalharem, praticamente 12 horas, essa pessoa que contratava elas pra trabalhar, ele contratava, por exemplo, um sanfoneiro, que tocava sanfona. E essas mulheres, depois do trabalho, dançavam, Beatriz! Assim uma coisa fora de louco. Porque eu lembro, que quando às vezes, quando eu tinha 8, 9, 10 anos, que foi a época que eu vinha, eu lembro que às vezes eu ia esperar a minha avó no caminho. E a minha avó, depois que ficou viúva, nunca mais colocou uma roupa de cor. De negro. Negro mesmo! Até o brinquinho dela, era uma pedra preta. O ouro ficava atrás e a pedrinha... Um lenço na cabeça, amarrado... Aquele monte de saia, não é Beatriz. Saias e depois, aquele avental preto, blusa preta. E quando o tempo esfriava, elas usavam um xale, um xale preto também. E então essas mulheres vinham de trabalhar tudo isso, Beatriz, e ainda dançavam até mais ou menos uma meia noite. Isso no dia que elas vinham desse jornal... E no dia da festa também, Beatriz.

E no dia seguinte iam trabalhar de novo! Quando era 5 horas da manhã, elas já estavam de novo de pé, porque a minha avó era padeira e então, ia para padaria pegar o pão para entregar

na casa das pessoas. (...) Quando era de manhã, mais ou menos o quê, cinco horas, já tinha missa. E antes de ir pro trabalho, todos os dias eles iam à missa. O povo português era muito católico.

A decisão de emigrar

O pai veio primeiro, sem emprego certo, com uma carta de chamada enviada por um cunhado que morava no Rio de Janeiro. Deixou a mulher e os quatro filhos e mandava muito pouco dinheiro. Mudou-se para São Paulo e depois de quatro anos mandou buscar a família. Anália tinha 10 anos. Vieram em beliches no convés do navio *North King* que saiu do Porto de Leixões. A viagem demorou vinte dias, chegaram em Santos onde o pai estava esperando.

Primeiros tempos

O pai alugou uma casa de cômodos no bairro dos Campos Elísios e alugava quartos. Trabalhava também como pedreiro, enquanto a mãe tomava conta da pensão e lavava roupas.

Aí, quando nós chegamos aqui, Beatriz, nós fomos morar num quarto/cozinha... Quatro crianças e um casal.

Anália e os irmãos estudavam e trabalhavam. Foi uma vida de muito trabalho. Anália trabalhou em uma casa de família, depois em uma alfaiataria e em um ateliê de costura.

Pais portugueses só permitiam que as filhas namorassem rapazes portugueses. Assim foi com Anália, que se casou com um rapaz originário de uma aldeia próxima à sua, Amorim. A família do marido também emigrara para o Brasil, mas tinham melhores condições econômicas que a de Anália e eram já alfabetizados. Tanto a família de Anália quanto a do marido, vieram para ficar.

Inclusive, Beatriz, eu falo pra você, eu gosto do Brasil e tudo, mas... nossa, a terra da gente, a gente nunca esquece, não é Beatriz.

E aí, meu pai tinha uma outra pensão e fui tomar conta da pensão do meu pai. E ele me deu um quarto e cozinha pra mim morar. Era na Alameda Santos também, ali. A minha mãe era no 95 e eu era no 193. Eu, com dezessete anos para dezoito

anos, fui tomar conta de uma pensão que tinha cinqüenta rapazes! Eu que arrumava aquelas camas todas, eu que lavava, eu que passava. Não a roupa dos rapazes, a roupa das vagas. Que antigamente, as vagas, Beatriz, a gente dava roupa de cama. Os lençóis e as fronhas. Não toalha de banho, essas coisas, não. Mas, as camas, quem dava a roupa era a gente. Então, nós fomos tomar conta disso daí. Depois de três meses, eu fiquei grávida.

O marido trabalhava como carpinteiro e Anália tomava conta da pensão. Conseguiram comprar uma casa e o marido tornou-se mais tarde empreiteiro. Tiveram três filhos, que estudaram e se formaram em faculdade. Beatriz a gente tentou dar pros filhos o que a gente não conseguiu, não é. Um dos filhos morreu de forma violenta e o fato foi lembrado com profunda tristeza.

Quanto à questão da identidade, Anália se sente portuguesa, embora em seu falar não tenha nenhum sotaque. Eu me sinto portuguesa! Me sinto e não volto!

Anália voltou a Portugal pela primeira vez depois de 35 anos, em 1991, quando visitou outras cidades, pois só conhecia sua aldeia, a cidade próxima e o porto de Leixões por onde embarcara.

Imagine! Eu não conhecia o Porto que é uma cidade a 25 km da minha, da Póvoa. Eu não conhecia o Porto! Depois eu conheci Lisboa, eu conheci Fátima, eu conheci Braga, Viana do Castelo, Cascais, Sintra, Setúbal...

A volta a Portugal revestiu-se de muita emoção. Visitou a madrinha, o padrinho, os parentes.

Ai gente, é uma emoção que não dá pra explicar. Você chora, você ri... É que nem eu já falei pra você, não é Beatriz, os pais da gente não deixam esquecer, não é. Porque, minha mãe, quando nós estávamos lá sem o meu pai, ela não deixava a gente esquecer dele. E quando nós estávamos todos juntos, ela e meu pai não deixavam a gente esquecer lá... a aldeia, contavam as histórias de fulano, de sicrano.

Anália falou da existência de preconceitos de brasileiros contra portugueses.

Porque, você sabe Beatriz, a gente às vezes tem um pouco de mágoa do povo brasileiro porque eles acham que a gente consegue as coisas roubando, não é Beatriz. Isso, isso... Do povo brasileiro contra o povo português. Você entende? A gente é marginalizado. Eu já falei, quando eu tiver oportunidade de falar aqui, eu vou falar. Beatriz, o povo português ama, ama o Brasil. De amor de mãe pra filho.

As outras pessoas podem até sentir vergonha de falar pra você que são discriminadas. Mas nós somos discriminados no Brasil! E eu, pelo amor que eu vi... principalmente do meu convívio, de pessoas que são da minha família, o tanto que amam o Brasil, realmente eu me sinto injustiçada de viver num país que nos põe assim tão à margem. Você entende? Por exemplo, se fala uma coisa: “Ah, os portugueses roubaram do Brasil”. Se fala que tem ouro em Portugal: “Ah os portugueses roubaram do Brasil!”

Anália mantém alguns costumes portugueses, como a culinária.

Eu faço muita comida portuguesa. Viu Beatriz, porque no Natal em Portugal é o bacalhau. E nós continuamos com essa tradição até hoje. Mesmo com os netos, com os filhos... os filhos sendo brasileiros, filhos de portugueses. Mas meu genro e minha nora são brasileiros legítimos, netos de índio assim mas, a tradição continua. Então, o bacalhau que eu faço no Natal é cozido na água e no sal.

No dia seguinte do Natal, Anália faz um prato a que chamam de ‘roupa velha’.

Com o resto. (risos) Você já tá sabendo. É isso daí, a roupa velha, que é o que sobrou. Geralmente, Beatriz, depois no dia 25 eu faço alguma coisa diferente pra eles. Um lombo ou um pedaço de leitão mas, pra mim, pro meu marido e pros meus filhos, tem que ter a roupa velha! E pros netos.

Anália contou de sua culinária e das receitas portuguesas que continua preparando: o bacalhau do Natal, o da Páscoa, as papas, o doce a que chama aletria. Possui a imagem de Nossa Senhora de Fátima em seu quarto, pratos

de louça vindos da aldeia da família do marido e de outros lugares portugueses visitados.

Quanto à vida associativa, a família de Anália é sócia da Portuguesa de Desportos, que freqüentava bastante quando os filhos eram pequenos.

Em julho, na Portuguesa, eles fazem uma festa regional que é igualzinha, igualzinha às festas de Portugal. Com comidas típicas tudo, tudo, tudo. Você precisa de ver como é que é as festas da Portuguesa.

Vão ocasionalmente a almoços na Casa de Portugal. Soube da existência da Casa dos Poveiros, mas nunca participou. Fala da reunião de portugueses na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para a missa do dia 13 – que a mãe e a tia frequentam.

No Sumaré. Ali, elas vêem as amigas, ali depois da missa, elas ficam conversando... Tem a missa e depois, se você quiser tomar um café, alguma coisa, tem lá onde vende. Aí, depois você sai da igreja e tem um parque... É. Aí tem pastéis de Santa Clara, tem bolinhos de bacalhau, todas essas coisas aí.

Ouve programas radiofônicos portugueses, mas não assiduamente. Há muitos anos havia o programa na televisão Caravela da Saudade, que terminou. Há agora a RTP, emissora portuguesa na TV por assinatura.

E eu quero, Beatriz, porque aí é uma oportunidade da gente ver alguma coisa, de Portugal. Mas assim, falar que nós procuramos saber as notícias de lá essas coisa, não. Não... É aquilo que eu falei... Gosta de músicas portuguesas, especialmente ranchos. Eu gosto mais das músicas regionais mesmo, da nossa terra.

Anália acredita que pertenceu à última geração de portugueses que emigraram para o Brasil, pois agora o fluxo migratório dirigiu-se para outros destinos, especialmente a França.

Tudo pra França! Tudo pra França! Viu, eu sou a última geração. Você vai encontrar algumas moças e alguns rapazes portugueses com 45 anos, mas muito poucos! Da minha geração, ainda tem bastante. Você vai encontrar o quê, uns

mil, uns mil e poucos. Mas do resto Beatriz, não tem mais. Porque aí eles foram pra França...

Anália tentou passar para os filhos o orgulho de serem filhos de portugueses. *Tenho verdadeira paixão pelo Brasil... uma terra me deu o que a minha terra não me deu...*

A entrevista de Anália se configura como um relato de vida⁴¹. A entrevista foi realizada em sua casa. As fitas gravadas foram transcritas e elaborada uma edição que foi entregue a Anália, que assinou uma carta de cessão para seu uso.

As participantes do *workshop* cujas análises serão apresentadas a seguir, foram escolhidas não apenas por trabalhar com História Oral, mas por terem como tema de pesquisas o processo migratório e terem-no vivenciado de formas diversas: Olga Cabrera, doutora em História, é uma cubana que imigrou para o Brasil; Olga von Simson, doutora em Sociologia e também especialista na área, convive em sua família com a situação da imigração e da emigração. Marilda Aparecida Menezes, doutora em Sociologia, trabalhou com a migração interna e morou no exterior convivendo com a situação de imigrantes.

OLHARES DIVERSOS, DISTINTAS ANÁLISES

Uma entrevista suscita muitos olhares. Olhares que focalizam aspectos diversos. Olhares que se somam.

Algumas questões se colocam inicialmente para discussão, a partir das reflexões destas pesquisadoras sobre uma mesma entrevista.

Cabe em primeiro lugar notar que as análises a seguir apresentadas foram feitas por pesquisadoras que não participaram do processo de pesquisa cujos objetivos nortearam a coleta da entrevista; são estudiosas movidas por outras preocupações e que buscam aproveitar as possibilidades de conhecimento que o documento oferece e as inferências que permite.

O objetivo do experimento foi o de mostrar toda a riqueza dos documentos construídos a partir de entrevistas e a possibilidade de sua utilização por outros pesquisadores e para outros projetos, justificando a formação de arquivos abertos a outros pesquisadores.

A análise da entrevista foi feita por pesquisadoras com diferente formação: a historiadora Olga Cabrera e as sociólogas Olga von Simson e

⁴¹ O relato de vida seria uma história de vida abreviada. O entrevistado sabe do interesse do pesquisador e direciona sua narrativa para atendê-lo, embora com toda a liberdade para falar o que desejar. (Lang, 1996)

Marilda Aparecida Menezes, apresentam reflexões sobre a narrativa de Anália, mostrando diferentes formas de visualizar uma mesma entrevista. Para o exercício de análise as pesquisadoras participantes receberam a transcrição literal e a edição.

VÁRIOS OLHARES

Olga Cabrera

As limitações de analisar um objeto como o das migrações nos marcos rígidos das disciplinas particulares, antropologia, história, sociologia, freqüentemente ofereceram uma visão fragmentada. Porém, os estudos sobre migrações baseados em histórias particulares menos abrangentes, podem revelar nuances impossíveis de serem alcançadas pela pesquisa que se pretende mais universal, de propostas mais genéricas. Este é o caminho seguido neste caso, na entrevista realizada por Alice Beatriz da Silva Gordo Lang.

Esta entrevista é de uma mulher hoje avó que veio ao Brasil ainda criança, com 10 anos de idade, cujas lembranças da aldeia em Portugal aparecem muito nítidas. A narradora procede de uma região rural muito pobre, migrou na década de cinquenta do século vinte, e se estabeleceu na metrópole de São Paulo. Sem dúvida se parte de um *locus* de experiência pessoal com o interesse de conhecer um processo social mais amplo.

A entrevista em questão foi elaborada de forma semi estruturada e a entrevistadora utilizou perguntas abertas. Há uma seqüência narrativa que decorre da presença de um roteiro baseado na vida e nas motivações para a emigração de Portugal, a viagem e os primeiros tempos de imigrante no Brasil. Muitas das perguntas da entrevistadora ficam em suspense, como uma insinuação, e o diálogo se desenvolveu em harmonia quase perfeita: um magnífico exemplo da compenetração obtida na entrevista ocorre na passagem em que ela fala da madrinha de Portugal. Somente em uma ocasião a participação da entrevistadora pareceu enfática, no caso das festas em Portugal, ainda que estivesse endereçada a estimular a relação durante a entrevista:

Beatriz (entrevistadora): *"Era muito trabalho mas era muito alegre não?"*

O roteiro autoriza a que o depoimento adote a forma de narração (seqüência) e somente ao final rompe com a mesma para falar do tema da culinária. Às vezes aproxima-se ao método de história de vida como revela

a intervenção da entrevistadora recorrendo a perguntas diferentes para validar os dados. Por exemplo: a idade da entrevistada na ocasião da viagem para o Brasil, os estudos no Brasil e outros. A narrativa na entrevista remete aos vestígios, porém precisa-se de um saber anterior ao próprio depoimento para poder entender alguns dos acontecimentos narrados. Quer dizer, a interpretação do documento exige o conhecimento sobre migrações, cultura, vinculado ao saber prático, ou seja, ao uso dos métodos da história oral. Os fatos envolvidos na narração não estão no seu estado puro, natural, eles estão mediados pela cultura e a língua: como o narrador vê, diz ou crê. A testemunha possui expectativas, desejos, temores, utopias, ceticismo, que permeiam a configuração do passado. A relação do passado e do futuro com o presente não forma parte temática de seu objeto, porém estão aí e podem ser percebidos.

Estas observações iniciais chamam a atenção para não ficarmos detidos na análise exclusiva dos acontecimentos e reconhecermos que a narrativa oferece chaves interessantes para a interpretação de qualquer documento, nela estando inseridos os sentidos e significados de uma época, de um setor social e/ou nacional, de um indivíduo. Além disto também seria necessário perceber que estes sentidos são construídos na relação, exprimem tanto o “mesmo” que enuncia quanto o “outro” enunciado, ainda que rejeitado. A entrevista coloca a questão de um fator propício à migração de portugueses, relacionado com a existência de um pensamento dominante que prefigura, a partir de visões dicotômicas, as construções de ideais, conceitos. Os setores populares das regiões pobres europeias acreditavam nas possibilidades de melhores condições de vida para o branco em um país de negros, índios e mestiços. O imigrante europeu era percebido nas teorias raciais de elite brasileira, e ele mesmo se percebia, como um fator importante para o progresso e a civilização no Brasil.

A primeira geração destes imigrantes rejeitava o casamento com brasileiro. Os imigrantes vinham para bairros pobres onde encontravam descendentes mestiços de africanos, índios e brancos. No depoimento de Anália se percebe a norma explícita da proibição de casar com brasileiro:

Eu sabia que brasileiro eu não ia poder namorar, né Beatriz inclusive eu tinha namorado... não, eu tinha paquerado um rapaz que morava na minha casa. Beatriz, quando meu pai soube, mas ele falou para mim - e ainda o rapaz era moreno, meio assim pro pardinho - meu pai falou assim: Você não é nem louca de namorar esse rapaz! Porque eu te quebro os dentes! Eu sei lá o que ele falou! Ai, Beatriz, Deus me livre! Ai como os

outros (os portugueses) vieram falei: Bom vai ser a minha chance de arrumar marido.

As expectativas favoráveis no contexto brasileiro eram para o branco. Por isso, manter a “pureza” da raça era importante: *“Eu vou te contar... Isso é uma história assim. Era assim Beatriz, as moças de minha geração não podiam namorar rapazes brasileiros”.*

Estes imigrantes são populações subalternas, porém procuram se manter como portugueses e brancos na primeira geração, já na segunda seus contatos são com os brasileiros da classe média e alta.

Três elementos estão intervindo na narrativa: a mudança social da entrevistada de pobre a classe média, a presença de uma entrevistadora acadêmica que se percebe tem alguns laços que a unem à entrevistada e a situação econômica atual favorável de Portugal formando parte da Comunidade Européia. Este último fato vai condicionar que as lembranças do sofrimento passado pela escassez, pelas prolongadas jornadas de trabalho das mulheres, a pobreza da aldeia ficaram matizadas com as alegrias que rememoram as danças, as músicas etc.

De fato, as lembranças tristes da infância resultam totalmente apagadas pelas felizes. A memória, no caso em estudo, foi sendo configurada pelo presente: os acontecimentos do passado são envolvidos nas nuvens dos sentidos que procedem do lugar da testemunha, e a única direção dos mesmos é marcada pelo olhar teleológico, colocado no extremo da prosperidade, tranqüilidade, paz, da aldeia de Portugal hoje, em contraste marcado com o silêncio sobre a vida coletiva no Brasil e a ausência de imagens sobre a vida familiar, comunitária, deixando perceber os significados, os sentidos criados pela violência e os perigos de São Paulo.

A chave para entender esta entrevista podemos encontrá-la no aprofundado abismo entre presença e ausência na memória configurada pelos sentidos da narradora. A análise da entrevista que se refere à vida de Anália em Portugal, permite observar as seqüências de uma rápida e superficial imagem da pobreza seguidas sempre de outras imagens muito mais fortes: as agradáveis visitas a Portugal, o olhar saudoso por ter abandonado uma terra hoje próspera, rica, bela. Os sentidos da narradora constroem um tênue tecido que cobre e apaga a pobreza no passado. Este tecido entrelaça as lembranças das alegrias, das músicas do retorno após o trabalho árduo das mulheres no campo e configura um mundo idílico no passado, o paraíso perdido que vislumbra a narradora neste presente promissor de Portugal.

O trabalho mal remunerado no passado da vida da família em Portugal obriga a realização de jornadas que se prolongam nas madrugadas com o

objetivo de produzir alimentos, artesanato e costuras, simultaneamente para o lar e para o comércio. Estes fatos são velados, apagados, escurecidos, fragmentados. A reiteração de seqüências alternativas na narrativa: passagens tristes que são bruscamente interrompidos e até ocultas pelas alegres, podem ser comprovadas em vários exemplos, como quando lembra ter quebrado a lousa da escola e vai relatar o sentimento de temor, este fica em suspenso, apagado pelas alegres e nostálgicas lembranças sobre a professora que "amei muito" que

tinha uma bicicleta que eu ficava assim en-can-ta-da! Que ela vinha de outra aldeia. Ela vinha de bicicleta e com um avental, que lá usava aqueles aventais muito bonitos, né... Então conforme ela andava de bicicleta, o avental cobria o aro de trás da bicicleta dela... E eu lembro que eu pensava comigo: Um dia quando eu crescer, eu vou querer uma bicicleta e um avental que cubra também o aro da bicicleta, né...

Outro trânsito rápido para uma lembrança agradável ocorre em outras várias ocasiões: quando vai falar da preferência da mãe pela irmã, interrompe o relato para descrever os brinquedinhos "feitos de pau, aquelas bonequinhas que mexiam os braços..."

Em uma outra passagem os pesados trabalhos da avó no jornal são obscurecidos pelas imagens da alegria das festas que acompanhavam o retorno das mulheres ao lar...

Quando eram 5 horas da manhã elas já estavam de novo de pé porque a minha avó era padeira e então ia para a padaria, pegar o pão para entregar na casa das pessoas. Então praticamente Beatriz ela dormiam o que? 3 ou 4 horas ao dia, né. Porque a minha avó entregava esse pão e depois quando dava tempo ainda ia vender um pouco de fruta e depois ia a esse jornal. Então Beatriz essas mulheres praticamente não dormiam. E também não deixavam os filhos dormir. Os filhos tinham que acompanhar.... A vida era muito difícil, mas viu Beatriz, elas eram mulheres muito alegres. Elas não faziam disso uma tristeza, assim... elas achavam que elas tinham que passar por aquilo e aquilo era a vida delas.

A memória opera consciente, voluntária e intencionalmente na construção de um passado harmônico. A lembrança retorna como imagem que responde a um interesse pela fidelidade. Porém o processo é de re-

figuração do passado pela narração e pelos sentidos do presente. Os depoimentos da vida de pobreza, de maus tratos do pai à mãe, de humilhação no lar da avó paterna, são matizados, fragmentados, quase apagados pelos relatos sobre festas, alegrias, brinquedos, jogos.

É sintomático que até a viagem no incômodo barco de carga para o Brasil (a última lembrança que remete à terra de origem e suas gentes), se corresponde com o final desse período feliz de danças, músicas:

Então as crianças dançavam. Brincavam ali dentro... eu lembro que, eu era assim muito comunicativa, um senhor pediu pra mim subir em cima de uma mesa e cantar e dançar. E aí eu dancei e cantei junto com a minha irmã que era assim pequeninha, tinha 4 anos também. E aí minha mãe, ali junto conosco. E ali já se formou, praticamente, uma festa. Porque são muitas pessoas conhecidas que vinham, né Beatriz?

Enquanto os relatos de Portugal possuem uma expressiva alegria, a memória do Brasil está cheia de silêncios, que resultam opressivos: por exemplo, a rápida menção da morte do filho seguida da mudança de casa:

Mas de Figueira nos mudamos pra cá porque, nós perdemos um filho né, Beatriz, com 19 anos. Não sei se também é importante falar isso. Nos perdemos esse filho com 19 anos, assassinado. E aí eu tive que mudar porque não tinha mais condições de ficar ali com o rapaz que o assassinou. Ele morava ali perto, né.

O “mesmo”, o imigrante português e o “outro”, o brasileiro, ficam confrontados muitas vezes em detrimento do segundo. A identidade é construída a partir da diferença com o brasileiro. Um exemplo neste sentido oferece o comentário sobre as vantagens de manter presente no Brasil a educação religiosa que deram para eles os pais portugueses, comentário que foi seguido de um silêncio muito expressivo e contrastante: "Missa era obrigação! Isso graças a Deus, Beatriz, os meus pais encaminharam a gente..."

Na entrevista, a proximidade com a cultura brasileira se exprime desde a confirmação da diferença, pelo carinho e afeto dos portugueses para com os brasileiros, na torcida pelo futebol etc. No entanto, considera que não é igual a resposta dos brasileiros para com os portugueses. A identidade cultural em nenhum momento é com o brasileiro, ainda que com a língua em comum, a entrevistada confirma, mas é com o italiano (europeu):

"Italianos. Mas como é que fala. As nossas culturas era mais ou menos, a mesma coisa".

As lembranças do Brasil carecem de relatos sobre festas, alegrias, paisagens harmoniosas, somente há uma menção ao lazer nos passeios na Casa das Rosas onde as crianças iam comer mangas e jabuticabas, mas nada tem semelhança à beleza e alegria dos encontros coletivos de Portugal. Os relatos sobre o Brasil descansam nos trabalhos, nas mudanças de lar, desapareceram totalmente as referências às festas, músicas, encontros da comunidade. Os trabalhos da memória operam sobre lembranças mais particulares e pesadas porém nem o casamento da narradora, nem o nascimento dos filhos, fatos todos que aconteceram no Brasil, são lembrados. Parece até que nem sequer entre os imigrantes portugueses continuaram os vínculos, somente fala-se das visitas dos jovens para a escolha da futura esposa que tinha que ser portuguesa.

Um exemplo deste contraste entre a emotividade nos relatos sobre Portugal e a falta de colorido quando refere os acontecimentos no Brasil, como revela o encontro emocionado em Portugal com outra imigrante que também morava em São Paulo e de quem não soube nada durante anos. Ainda que se constate no próprio relato que também os homens portugueses se relacionavam no trabalho em São Paulo, não se mencionam afetos, amizades.

As relações entrevistadora/entrevistada aparecem às vezes sujeitas a uma certa busca da confirmação do relato da entrevistada pela entrevistadora. Há um vínculo prévio, um membro da família da pesquisadora era da mesma comunidade do esposo da entrevistada⁴². Esta sente, exprime que se encontra junto a uma pessoa que conhece muito do assunto. Em outras entrevistas analisadas, realizadas por outros entrevistadores, essa repetição está mais endereçada a mostrar a confiabilidade do relato. Neste caso parece estar mais em relação ao conhecimento que sabe que a entrevistadora possui sobre o tema e do parente cuja família procede de Portugal, de uma família mais abastada e com influência na comunidade de origem:

Beatriz (entrevistadora): *"Mas você não é da mesma aldeia que a ...família do Fernando...?"*

Anália (entrevistada): *"Não o meu marido é que é da aldeia deles. A casa do meu sogro e dos pais do Dr. Fernando eram assim...juntinhas. Porque lá são terrenos muitos grandes. São assim sítios. Então as casas ficam assim retiradas, mas os terrenos, encostadinhos uns dos outros..."*

⁴² O marido de uma sobrinha da pesquisadora é imigrante português, tendo sido ele quem indicou e fez o contato com Anália.

Observe-se a ênfase nas expressões na busca de confirmação usadas em cada um dos parágrafos da narração: *Viu Beatriz, Então Beatriz... Não é Beatriz..., E depois Beatriz... "Viu Beatriz porque a família... a minha família são pessoas muito simples. A família do meu marido (os que moravam contíguos à de Fernando) já era uma família mais abastada, já tinham campos, já tinham um moinho de vento e essas coisas"*.

Sem dúvida possuir propriedades em Portugal é muito importante, no passado ter tido um *status* alto na comunidade continua tendo um peso no presente, mas percebe-se que manter o patrimônio na mesma comunidade de origem tem um valor que transcende o econômico:

Mas, o que teu sobrinho tem lá minha filha, aquilo é uma fortuna que vocês não calculam! O que o doutor... É algo mais que a perda do patrimônio o que sugerem as interrupções. Mas era também assim muitos campos, muita coisa. E venderam por uma ninharia. Os que conseguiram ficar lá. Por exemplo os pais do dr. Fernando que nunca vieram para cá, Beatriz, conservaram aquilo ali. Mas minha sogra e meu sogro como tinham os filhos aqui, quiseram vir e venderam. Então Beatriz são coisas assim que... a gente não sabe porque, né Beatriz, mas que eles vieram para ficar...Inclusive Beatriz, eu falo pra você, eu gosto do Brasil e todo, mas nossa a terra da gente a gente nunca esquece, né Beatriz.

Os sentimentos de perda do lugar em Portugal se exprimem no contraste entre o alto valor das terras do sobrinho de Beatriz (como havíamos mencionado antes) e a perda das da família do esposo.

A voz desta entrevistada também permite perceber as múltiplas vozes da experiência da migração. Os fatos mencionados na entrevista apresentam a migração inicialmente masculina ainda que sempre, mais tarde, enviassem os documentos para as mulheres, fossem esposas, irmãs. A lembrança do barco cheio de mulheres com filhos confirma que, na maioria dos casos, acontecia a re-constituição familiar. Na mesma entrevista explica-se que muitas das tarefas lucrativas no país receptor eram realizadas pelas mulheres que, no entanto, mantinham o trabalho e cuidados dos filhos no lar. Por exemplo, a criação e manutenção de pensões para estudantes que vinham a São Paulo. A esposa portuguesa foi importante do ponto de vista econômico nestes primeiros anos da imigração no Brasil. Entretanto, há um sentido de "passividade" quando se refere ao trabalho feminino da mãe ou dela mesma, confrontado com o sentido de atividade do masculino, ainda

que o depoimento revele que sobre a mulher descansam muitas tarefas importantes do processo migratório.

A combinação de elementos subjetivos e objetivos ilumina a possibilidade de uma história re-visitada pela criação de dramáticas tensões entre memória e história. Por exemplo, a decisão de vir ao Brasil apresenta a questão da relação entre história e memória como conflito: a dúvida sobre a eleição no passado do Brasil como país receptor perante a presente violência na grande cidade brasileira, fica expressa no contraste com a tranqüilidade, paz e condições materiais alcançadas no lugar de origem.

Ainda que a narradora se queira portuguesa, conhece que a identidade construiu-se na relação. Em Portugal ela não é reconhecida como portuguesa: “Eu me sinto portuguesa! Me sinto e não volto”. O ser que aparece fragmentado é uma condição ontológica do imigrante, do ser que se constitui na fronteira transportado pela força do presente tanto perante a ausência de um passado sem retorno quanto do conflito em relação às expectativas de futuro. O passado apresenta-se como irrecuperável, há um certo sentimento de perda do sentido de direção. Anália não é nem brasileira, nem portuguesa, depende do local do qual se fala.

A lembrança retorna como imagem que responde ao interesse pela fidelidade. O processo é de representação, refiguração do passado pela narração. A representação é uma opaca mescla de lembrança e de ficção na reconstrução do passado. A testemunha antes de falar, viu, experimentou, teve vínculos com o acontecimento. O vestígio é anterior ao depoimento, este pode ser trazido ao presente do depoimento mas não se dissolve, não fica idêntico ao depoimento. Sempre se podem opor, confrontar testemunhas e depoimentos pelas provas na busca da verdade, porém há uma distância que nunca pode ser superada entre verdade/confiabilidade e verdade/prova. Há que analisar em que medida essa contraposição entre depoimentos concebidos dentre das fronteiras de normas, valores, concepções, idéias que os restringem pode levar implícita uma distorção. A verdade fica em suspenso, provável, questionável.

A testemunha e o historiador compartilham neste caso expectativas, desejos, temores, utopias, ceticismo. Sua relação com o presente e o futuro não forma parte de seu objeto, mas o penetra.

Memória alude à fidelidade, história à verdade; no entanto, a primeira é privada, a segunda é crítica. A construção do documento oral transita pelo exercício da crítica histórica tanto nos fatos quanto nas distorções da narrativa. A questão fundamental para o trabalho do historiador é o reconhecimento de que também a narração possui estatuto epistemológico no processo de produção do conhecimento histórico.

MULHERES VIVENDO NA INTERSECÇÃO DE CULTURAS

Olga R. de Moraes von Simson

Introdução

A realização deste *workshop* representa uma oportunidade de rico convívio acadêmico com colegas de outras disciplinas e diferentes universidades. Para que este convívio se dê de forma clara e profícua devo dizer que, embora acredite que o mote de convidar vários pesquisadores para analisarem um mesmo relato oral seja válido para engendrar discussões interessantes de caráter teórico-metodológico, ressalto que esta é uma situação artificial que não acontece numa pesquisa real, mesmo naquelas de caráter interdisciplinar.

Não é a primeira vez que participo de um *workshop* deste tipo, tendo vivido experiência semelhante na reunião da Associação Internacional de Sociologia que se realizou no Canadá em 1998⁴³, quando vários pesquisadores provenientes de diferentes países analisaram a história de vida de uma imigrante turca que há muitos anos vivia na Alemanha. Naquela ocasião já me posicionei esclarecendo que meu trabalho no âmbito da História Oral possui características etnometodológicas que exigem, para uma boa qualidade da análise, uma percepção do contexto em que a coleta do relato se deu e uma captação das mensagens não orais que o informante transmite na relação com o pesquisador⁴⁴. Além disso a análise propriamente dita é construída levando em conta o significado daquele relato no âmbito de um conjunto de depoimentos que são gerados pela rede ou redes de informantes, construída pela pesquisa.

Portanto, reafirmo que é pelo método comparativo e respondendo sempre às perguntas fundamentais (Quem fala? De onde fala? Por que fala?) que é possível construir uma análise válida dos relatos orais, mas examinando-os sempre em grupo, nunca um único e isolado, pois a análise

⁴³ As reflexões realizadas para desenvolver o *paper* para este *workshop* internacional acabaram produzindo posteriormente um artigo em parceria com a pesquisadora Zula Giglio intitulado: “A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem sucedida.” (Giglio e Simson, 2001).

⁴⁴ A esse respeito consultar: von Simson (1996).

que construo busca elaborar um conhecimento de caráter histórico-sociológico e não sob um enfoque psicológico ou psicanalítico.

Considero também que o documento a ser analisado é o oral, gravado em K7 ou CD, sendo a transcrição uma espécie de roteiro, elaborado em outra linguagem, que nos permite ouvir com maior e melhor percepção a fala do depoente. Durante a leitura da história de vida fornecida pela organizadora deste *workshop*, várias vezes me peguei imaginando qual teria sido a entonação de voz que a depoente teria usado em determinados trechos de sua narrativa, nos quais o texto permitia perceber um maior envolvimento emocional da narradora. Imaginava também quais seriam os gestos que ela teria feito para se referir, por exemplo, às danças folclóricas na aldeia, ainda em Portugal ou às visitas que fazia, aos domingos pela manhã, em sua pré-adolescência, ao Palácio dos Campos Elíseos no governo de Jânio Quadros. Sentia-me, então, na qualidade de pesquisadora, como que roubada, por não poder contar com tais informações, e tinha a nítida impressão de que, por não conhecer a narradora e não ter vivenciado a situação de construção da relação de pesquisa e de coleta do relato, não podia penetrar com a devida competência no conteúdo de sua narrativa, analisando-a, portanto, mais superficialmente⁴⁵.

Fazendo então essas ressalvas que julgo imprescindíveis, apresento o resultado de minha análise começando por definir o enfoque que escolhi para realizá-la. Sendo a primeira bisneta de uma imigrante italiana e nora de uma imigrante norte-americana, ambas tendo buscado o Brasil como terra de adoção embora em séculos diferentes, além de mãe, sogra e avó de imigrantes brasileiros que há cinco anos vivem nos U.S.A, o tema do papel da mulher nos processos migratórios tem me fascinado na contemporaneidade. Esse envolvimento levou-me a propor a quinze colegas a elaboração de uma coletânea sobre o tema Mulher e Imigração que está em fase final de edição. Portanto, é a partir de um olhar que enfoca os processos migratórios, mas levando em conta as questões de gênero, que construí a minha análise do relato de vida de Anália Andreza.

⁴⁵ A respeito da importância da observação participante e do diário de campo que registram outras formas de conhecermos nossos parceiros de pesquisa e suas visões de mundo, consultar: von Simson, Olga R. de Moraes. 'Memória e identidade sócio-cultural: reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso" in PARK, Margareth (org.). *Formação de educadores: memória, patrimônio e meio-ambiente*. Mercado de Letras, 2003

Os passos da análise

Tendo recebido o texto do relato oral de Anália já transcrito, fiz uma primeira leitura do mesmo e imediatamente enviei à coordenadora do *workshop* um pedido de informações complementares que pudessem melhor situar tal relato no conjunto mais amplo do projeto de pesquisa que o havia gerado. Solicitei também a ficha da informante, o roteiro utilizado para coleta do depoimento e detalhes da relação construída com a depoente que permitissem uma melhor compreensão do processo de construção deste depoimento, ao mesmo tempo denso e espontâneo.

Com estas informações em mãos, que me permitiram uma melhor contextualização do relato oral de Anália, voltei a ler sua entrevista tentando agora perceber quais os temas que ela abordava ao longo de sua fala. Fui anotando cuidadosamente nas margens da transcrição os temas principais focalizados por cada trecho do depoimento, constituindo assim uma lista detalhada dos assuntos abordados pela narradora. Esse processo é denominado, no jargão metodológico, de fichamento temático.

Temas abordados na narrativa da entrevistada

Nesse levantamento, para permitir uma análise temática da entrevista, percebi que cerca de um terço do depoimento é dedicado à descrição minuciosa da vida em Portugal, em sua aldeia natal. Chamam atenção nesse relato o alto índice de mortalidade infantil e a frequência dos abortos sofridos pela mulheres mais pobres; em seguida há a narração detalhada da viagem para o Brasil, explicando as condições precárias no navio; ela relata a primeira visão do Brasil ao aportar no Rio de Janeiro e a recepção por parentes que lá residiam; a continuação do trajeto para Santos; o impacto do encontro da família com o pai, que há quatro anos estava no Brasil; o início difícil de vida em São Paulo em uma casa de cômodos; a inserção na escola pública brasileira; o fim da infância e início da adolescência e sua inserção precoce no trabalho, primeiro como empregada doméstica, depois como ajudante de alfaiate famoso e, posteriormente, como ajudante em ateliê de costura; a proibição paterna de namoro com brasileiros, por um lado, e o incentivo ao namoro com rapaz português, por outro; o casamento aos dezenove anos; o início da vida de casada contribuindo para o orçamento familiar, ao tomar conta de pensão para rapazes que era propriedade de seu pai; a mudança para Vila Clementino, o nascimento de seus três filhos e a montagem de sua própria pensão, mas ainda em casa alugada; a compra da primeira casa própria no bairro da Figueira, local onde residiram até a morte de um dos filhos, assassinado aos 19 anos; a mudança quase forçada

para apartamento alugado em Santo Amaro e a compra, não muito depois, da casa onde residem hoje; a clara visão que possui de que as emigrações de sua família e da família do marido foram realizadas em caráter definitivo; a menção de que seus pais rememoravam com frequência aspectos da realidade portuguesa, como os hábitos e a cultura da aldeia, como uma forma de manter viva, para os filhos, a ligação com a terra portuguesa; a explicação das origens dos nomes e cognomes das pessoas e famílias em Portugal; o relato das duas viagens recentes que realizou para rever o país de origem; a afirmação de que não viaja a Portugal com muita frequência porque tem apenas uma cunhada que ainda lá reside; frisa a mágoa que tem pelo fato dos brasileiros discriminarem os imigrantes portugueses que aqui residem, acusando-os de enriquecerem desonestamente; explica que as relações, de pessoa para pessoa, aqui no Brasil, são muito positivas, mas quando se fala em geral dos portugueses a discriminação aparece; comenta a transformação para melhor que Portugal sofreu, após a entrada na Comunidade Européia; comenta que seus filhos têm orgulho de serem filhos de imigrantes portugueses, mas que o neto adolescente já denota vergonha de se dizer descendente de imigrantes lusitanos e então evita mencioná-lo; confessa que ela também, quando percebe que pode ser vítima de chacota, não se diz portuguesa, evitando discriminações, mas em outros espaços tem o maior orgulho em contar sua origem lusitana; conta que participou ativamente das associações étnicas enquanto os filhos eram crianças; que na adolescência eles já começaram a se interessar por outros espaços, fora da colônia e então ela perdeu o interesse pelo convívio étnico; mantém os hábitos portugueses principalmente no âmbito da alimentação, cozinhando ela mesma para toda a família, mas fazendo algumas adaptações, incluindo ingredientes locais para contentar genro e nora que são brasileiros; descreve em detalhes vários pratos lusitanos que são preparados em datas especiais como Natal ou Páscoa; admite que não tem em casa, bem à mostra, objetos que são as marcas da lusitanidade, como a imagem de Nossa Senhora de Fátima, o galinho de Barcelos ou o relógio cuco; conta que hoje ajuda a filha que é pedagoga, cuidando dos netos para que esta possa trabalhar; diz que não se interessa por programas radiofônicos étnicos, nem assiste programas portugueses na TV; diz que gosta de música folclórica portuguesa (ranchos), mas não aprecia aquela música popular de sucesso na mídia; diz não frequentar a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no bairro do Sumaré, no dia 13 de cada mês, mas que sua mãe e uma tia o fazem mensalmente; diz que foi a entrada dos filhos na Universidade que provocou uma separação da família dos amigos portugueses, cujos filhos foram cursar outras escolas superiores; conta que os filhos estudaram em escolas públicas nos cursos fundamental e médio e

cursaram universidades privadas, realizando uma trajetória típica de pequena classe média ascendente; observa-se que a opção imigratória era uma tradição familiar, pois Anália conta que o avô imigrou e trabalhou no Rio Grande do Sul, mantendo a família em Portugal, só retornando para morrer na terra natal, após o acidente que o incapacitou para o trabalho; o pai imigrou, através de carta de chamada do cunhado (irmão da mãe de Anália) e depois de quatro anos trouxe a família; e o marido de Anália imigrou para fugir do exército; diz não se arrepende da opção de imigrar, pois passaria tudo de novo, se pudesse escolher; conta que conhece vários estados do Brasil, através de convites de amigos, pois só costuma viajar para lugares onde tem parentes ou conhecidos.

Análise do relato de Anália

Através do denso relato de Anália, acima resumido, vislumbramos aspectos da vida de quatro mulheres que, de alguma forma tiveram suas vidas envolvidas em processos imigratórios. A primeira delas é a avó materna que durante muitos anos não privou da companhia do marido emigrado para o Brasil e vivendo e trabalhando no Rio Grande do Sul. Mas, mesmo assim, apesar das muitas dificuldades, ela foi capaz de manter a família unida vivendo na aldeia natal a espera do marido ausente. A saga termina com a volta do avô que, acidentado por uma queda no trabalho chega doente, com o pulmão abalado para se tratar em casa, sob os cuidados da esposa e o carinho dos filhos, mas não se recupera e acaba morrendo tuberculoso.

A segunda mulher que nos é apresentada no relato é a mãe de Anália, cujo marido emigra para o Brasil nos anos 50 do século passado, através de carta de chamada enviada por um irmão dela que já residia no Rio de Janeiro. Durante quatro anos ela viveu, com seus quatro filhos na casa da sogra, sujeitando-se ao domínio exercido por esta e por suas cunhadas, realizando as piores tarefas em casa, além de trabalhar como jornaleira⁴⁶ nas propriedades rurais maiores que contratavam o trabalho de mulheres, por dia, na época das colheitas. Esse esforço se fazia necessário porque a ajuda financeira, enviada do Brasil pelo marido, era incerta e escassa, obrigando-a a sustentar-se a si mesma e aos filhos, através de trabalhos no lar e fora do lar.

⁴⁶ Jornaleiro, segundo o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda (11ª edição, de 1979), é o operário a quem se paga jornal, isto é, a paga de cada dia de trabalho. P.705

Mas essa ausência do cônjuge, muito sentida e preocupante era melhor suportada pelo apoio mútuo que as mulheres dos emigrados forneciam às suas irmãs de sina, através de estratégias várias, entre elas as romarias e orações realizadas em conjunto na pequena capela de Nossa Senhora da Guia, em Vila do Conde. Essa igreja construída dentro do mar e cuja entrada era alcançada através de estreita passarela elevada sobre as águas do oceano, recebia pelo menos uma vez ao ano, a visita das mulheres da aldeia cujos maridos estavam fora e que para lá se dirigiam para orar à Mãe de Deus dizendo; “Nossa Senhora da Guia guiai os homens que saíram dessa terra.” E cantavam:

*Nossa Senhora da Guia,
Guiai os homens casados,
Guiai também os solteiros,
Que andam mal encaminhados.*

Elas aceitavam essa longa separação como uma espécie de provação que precisavam passar e o faziam com alegria, trabalhando, orando e cantando e mantendo viva a lembrança do pai ausente entre os filhos, principalmente quando reunidos cotidianamente em volta da mesa, às refeições. Como disse Anália: “*Minha mãe nunca deixava a gente esquecer. Praticamente (em) todas as refeições ela falava pra nós. Às vezes chorando.... às vezes falando bem....às vezes reclamando: Porque ele não escreveu, não mandou nenhuma notícia? E assim ela nunca deixou que a imagem dele se perdesse dentro da gente.*”

A fotografia do marido, enviada do Brasil, era utilizada como uma espécie de recurso concreto para reforçar essa presença/ausência que preocupava, mas o fato de rever a imagem paterna também mantinha vivas as esperanças de reencontro e de uma vida melhor no futuro. Conta Anália: “*Ele mandou....uma ou duas fotografias. Nesses quatro anos, uma ou duas fotografias. Mas ela sempre fazendo com que a gente nunca se esquecesse...*” Cabia a ela também realizar todos os esforços possíveis, obtendo os apoios necessários no âmbito da família e dos conhecidos, para se juntar ao marido na nova pátria de eleição, mas levando os filhos sob sua guarda nesse processo imigratório em cadeia. Manter-se sempre lembrada pelo marido ausente, envidar esforços para que ele enviasse as passagens, solicitar ajuda do irmão, que vivendo no Brasil vem de visita a Portugal, coroam de êxito sua empreitada e, assim, ela chega ao Brasil em 1956 para enfrentar enormes dificuldades e trabalhos. Começa a etapa brasileira de sua trajetória de vida administrando uma pensão para mundanas na zona do meretrício em São Paulo, assim trazendo sua contribuição ao escasso

orçamento familiar, mas agora tendo toda a família reunida sob o mesmo teto e a presença do marido entre eles.

A terceira mulher de cuja vida nos aproximamos pelo relato oral aqui analisado é Anália, a própria depoente que emigra aos dez anos de idade para o Brasil junto com a mãe e os irmãos, para reencontrar o pai. Recorda ela:

Chegando a Santos, estava então meu pai, estava uma tia minha que já tinha vindo pra cá junto com os meus primos... Eu lembro que minha mãe apontou assim: "Olha, teu pai está ali." Eu olhei assim, mas a lembrança (era) muito rara. E eu lembro que ela falou pra minha irmãzinha, que ele deixou lá com seis meses: "Olha, aquele é teu pai." E ela ficou assim olhando e não ligou. E aí nós descemos, abraçamos e beijamos ele. Meu irmão (mais velho) lembrava. Eu vagamente. Mas eu lembro que quando ela mostrou o meu pai para minha irmãzinha e pro meu irmão que tinha seis anos, que ficou lá com dois anos (quando o pai partiu para o Brasil), eles não queriam chamar ele de pai. A minha irmã falou: "Não quero você de pai. Eu quero esse outro." Era o amigo do meu pai que era jovem e bonito. E o meu pai pegou e deu uma sapatada na bunda dela.."

Na trajetória de vida dessa jovem imigrante salientam-se algumas passagens como paradigmáticas, entre elas a obrigação, aceita sem revolta, de casar-se dentro da colônia obedecendo às diretrizes paternas. Assim ela rememora essa fase de sua vida:

Era incutido dentro da cabeça da gente, que a gente tinha que casar. Eu tinha paquerado um rapaz que morava na minha casa. Quando meu pai soube, ele falou pra mim – e ainda o rapaz era moreno, meio assim pro pardinho - : "Você não é nem louca de me namorar esse rapaz! Porque eu te quebro os dentes!" Então apareceu aquele monte de rapazes (portugueses) e eu falei -: "Bom, vou arrumar um namorado. Não importa qual seja." Como eu já tinha conversado um pouquinho com o meu marido na obra, aí cheguei, fiquei conversando com ele, aquela turma e tal.

Uma outra passagem que julgo exemplar das estratégias femininas para manter as tradições da Pátria de origem, é aquela em que a depoente

salienta que sempre se preocupou em educar os filhos, nascidos no Brasil, lembrando a infância vivida na aldeia com suas dificuldades, mas também com seus prazeres e alegrias sadias.

Como estratégia complementar havia a frequência às muitas associações étnicas existentes em São Paulo nas quais, por ocasião das festas, estes costumes eram recriados:

Mas quando os meninos eram pequenos, em julho, na Portuguesa, eles fazem uma festa regional que é igualzinha às festas de Portugal. Com comidas típicas, tudo, tudo, tudo. Você precisa ver como é que é as festas da Portuguesa.

Anália descreve também seu importante papel como mãe e avó, exercido dentro do recesso do lar esmerando-se nas artes culinárias para trazer o sabor de Portugal para a vida cotidiana do marido, filhos, genros, noras e netos.

Eu faço muita comida portuguesa. A minha comida, que eu faço a nossa moda, é comidas mais cozidas. É couve, é bacalhau, é sardinha... No Natal, em Portugal é bacalhau. E nós continuamos com essa tradição até hoje. Mesmo com os netos, com os filhos... os filhos sendo brasileiros, filhos de portugueses. Mas meu genro e minha nora são brasileiros legítimos, netos de índio, mas a tradição continua... E mais adiante, ao descrever a maneira como faz o bacalhau no Natal, ela diz: Inclusive, eu até coloco agora uma mandioca. Porque agora tem os baianos... Eu coloco uma mandioca junto. Porque a mandioca não dá sabor diferente.

Mas essa guardiã das tradições é flexível e sabe que precisa aceitar a integração dos filhos aos costumes e hábitos da nova sociedade, o que é feito principalmente pela educação escolar. Reconhece que foi a inserção dos filhos na vida universitária que os afastou definitivamente do convívio étnico, mas se orgulha da formação que proporcionou a eles. Ao falar dos amigos portugueses que tinham filhos da mesma idade e com quem mantinham estreita convivência diz que depois que os seus rebentos entraram para universidade

... começam a ter outras amizades. A minha foi estudar em outra escola, a dela também. E aí uma... a dela foi pra advocacia, a minha pra área da educação... (e não nos vimos

mais) ...e fomos se ver em Portugal. Mas, foi tão bonito! Já fazia mais de dezoito (anos) que nós não se via, fomos se ver em Portugal. E ela mora aqui na Chácara Flora. Aí, quando eu vi ela e ela me viu, nós começamos a chorar...

Apesar do seu papel de mantenedora da identidade tradicional, compreende o neto adolescente que já revela vergonha de sua origem lusitana, omitindo informações sobre sua ascendência portuguesa para evitar chacotas dos companheiros de mesma idade. Denunciando o preconceito dos brasileiros em relação aos imigrantes lusitanos ela relata, compreendendo e desculpando o neto:

...sabe que o preconceito é tanto que ...eu tento passar a minha história pros meus netos. E eu sinto que o Pedro que está adolescente, ele tem vergonha de falar que é neto de português. Porque, eu não sei se eles (o) deixam à margem. Então, os meus filhos... não tanto, porque eu acho que as raízes eram mais profundas e a gente tentou passar muito isso pros filhos. Nossa, a minha filha tem o maior orgulho de falar que é filha de português, e o meu filho também. E os netos também. Mas, eu sinto que agora o Pedro, já sente assim um pouco de discriminação, ou fazem uma piadinha, ou alguma coisa assim. Eu, como portuguesa, eu me sinto discriminada. Às vezes eu, dependendo do lugar onde eu estou, eu não falo que eu sou portuguesa. Dependendo do lugar, eu tenho o maior orgulho. Mas se eu vejo que vai ter assim, um tipo de chacota, eu não falo que sou portuguesa. Mas, também, se não entrar no mérito de falar que é portuguesa, eu também não falo...

Essa colocação clara de Anália revela que de uma identidade de tipo tradicional ela está, ao compreender as dificuldades vividas pelo neto, construindo também para si mesma uma identidade de tipo conjuntural, típica dos novos tempos globalizados e muito mais útil nas estratégias necessárias à vida na nova sociedade de adoção.⁴⁷

A última mulher que temos oportunidade de vislumbrar, muito levemente, é a filha de Anália, já nascida no Brasil, descendente de pais portugueses, ambos imigrantes de primeira geração. Criada sob a influência materna, que a manteve com laços fortes em relação à realidade da Pátria de origem ela foi, através da trajetória escolar, conseguindo construir uma

⁴⁷ A respeito dos conceitos de identidade tradicional e conjuntural consultar von Simson (1999).

carreira profissional que a coloca como a primeira mulher da família a atingir o nível de formação universitária . E ela negocia sabiamente o apoio materno, tanto para casar fora da colônia, como para exercer sua profissão, delegando parte das tarefas de cuidado e educação dos netos à mãe lusitana. Esta, mantendo parte das tradições, cede em outros campos, compreendendo as novas gerações em seu processo de inserção à realidade brasileira e ambas denotam as estratégias que as constituem como sábias mulheres, vivendo com senso de realidade e amor, na intersecção de duas culturas que, embora próximas, guardam diferenças candentes.

MEMÓRIA E IDENTIDADES: LEITURAS DO TEXTO DE UMA IMIGRANTE PORTUGUESA⁴⁸

Marilda Aparecida de Menezes

Anália Andreza nasceu em 1946 em Beiriz – Portugal e imigrou para o Brasil em 1956, portanto, aos 10 anos de idade. A entrevista foi realizada em setembro de 1998 pela Profa. Alice Beatriz da Silva Gordo Lang quando Anália tinha 52 anos⁴⁹.

A história de vida de Anália é um bom exemplo de como a história pessoal está entremeadada na história social, no caso, de grupos de imigrantes portugueses que chegaram ao Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Como diversos autores já afirmaram, histórias de vida e entrevistas semi-estruturadas fornecem informações sobre o grupo, bem como sobre experiências individuais⁵⁰. Anália narra sobre uma diversidade de aspectos da vida de sua família e dos trabalhadores rurais no norte de Portugal, bem como sobre o processo migratório e a experiência dos imigrantes portugueses em São Paulo. Aspectos da identidade híbrida dos(as) imigrantes portugueses(as), que se sentem brasileiros(as) e portugueses(as) são desvelados nos relatos do preconceito dos brasileiros contra os portugueses, nos hábitos alimentares, na frequência ao Clube da

⁴⁸ Agradecemos à Professora Alice Beatriz da Silva Gordo Lang da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) pelo convite para participar do *workshop* "Uma entrevista em análise: olhares diversos" no VI Encontro Nacional de História Oral realizado na USP, São Paulo, de 28 a 31 de maio de 2002.

⁴⁹ Para mais detalhes sobre a pesquisa com imigrantes portugueses(as) ver Lang, (2001).

⁵⁰ Mintz (1960: 139, 262–270) e Benmayor (1994: 14-5).

Portuguesa, na participação nas festas religiosas quando das visitas à Portugal, na preservação da tradição oral familiar como forma de transmissão de valores e referências culturais.

Entendo que a história de vida de Anália constitui um texto construído no diálogo entre ela e a pesquisadora, circunstanciado pelo contexto da entrevista e do trabalho da memória. A seleção de determinados eventos na reconstrução de sua história de vida está relacionada à construção de identidades. Não importa apenas o fato relatado, mas os significados atribuídos pelos indivíduos às suas experiências⁵¹. As lembranças do passado não se organizam a partir de um tempo cronológico, mas por eventos que marcam uma trajetória de vida, sejam eles os do ciclo de vida - nascimento, casamento e morte, sejam aqueles aos quais são atribuídos maior significado. Muitos aspectos poderiam ser explorados, porém, gostaria de propor uma leitura da narrativa de Anália a partir de três eixos temáticos: primeiro, a posição de classe e gênero; segundo, a representação da localidade de origem como uma espaço de festas e reciprocidades e, por fim, a relação intersubjetiva entre a informante e a pesquisadora.

Ao interpretarmos a história de vida de Anália através de alguns eixos temáticos⁵², estamos, ao mesmo tempo, buscando compreender os elos entre memória e identidades, nos termos formulados por Pollack:

⁵¹ Amado (1995: 135) destaca a dimensão simbólica das entrevistas: “a dimensão simbólica das entrevistas não lança luz sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças: permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm. Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias do concreto, do ‘real’, em que, supostamente, residiria sua “verdadeira natureza”, que caberia aos historiadores ‘resgatar’ para a posteridade”.

⁵² O que estou chamando de eixos temáticos é identificado por Gattaz (1996: 95) como ‘espaços narrativos’: “Mais do que o evento em si, interessa-nos o significado que lhe é atribuído pelo narrador, que deriva de seu estado mental na época, de sua relação com os desenvolvimentos históricos subseqüentes e de seu momento atual de vida”. O autor na nota de rodapé 68 (1996:107) indica o trabalho de Portelli, A. *The death of Luigi Trastulli and other stories*. New York, S.U.N.Y. Press, 1991, p. 69-73, para a questão dos referentes espaciais da narrativa.

“há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria apresentação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”⁵³

Os fragmentos da história de vida de Anália Andreza que selecionaremos para análise são, na nossa compreensão, representativos do trabalho de construção de identidades através da memória.

Posição de classe e gênero

A narrativa de Anália é marcada pela sua condição e posição de classe e gênero⁵⁴. No início da entrevista, ao começar a narrar sobre o local de origem, ela enfatiza a posição de classe da família através do recurso narrativo de repetição de frases que a identificam como “pobre”. Em um parágrafo com sete linhas, Anália repete três frases sobre a sua condição de pobre:

Em Beiriz, nós éramos pessoas bem simples

... A minha família são pessoas muito simples mesmo. A família do meu marido já era uma família mais abastada, já tinha campos, já tinha um moinho de vento e essas coisas. E nós não. Nós éramos pessoas muito pobres mesmo. Que até necessidade a gente não passava porque... coitados... eles trabalhavam, mas era assim, bem contada a comida, o sapato. Se ia tirar fotografia, pedia o sapato do vizinho emprestado. Até, às vezes, alguma peça de roupa né. Porque nós éramos pessoas muito pobres mesmo.

⁵³ Pollak (1992: 204).

⁵⁴ Conforme Barros (1997: 141): “A complexidade da vida urbana, a inserção social múltipla do indivíduo em várias subculturas, as situações e condições de classe e gênero apresentaram-se nas reconstruções do trajeto de vida de cada indivíduo, que, dependendo de onde fala, define um código de linguagem da narrativa e da memória”.

A posição de origem de Anália como “pobre” é um demarcador importante de identidade: ela teve uma mobilidade social, ascendendo da posição de família de trabalhadores rurais e artesãos a uma família de classe média - proprietária de imóvel, carro, com possibilidades de viajar com regularidade à Portugal e com os filhos freqüentando a universidade.

AB: Mas os seus filhos estudaram mais...?

A: Estudaram. Eu tenho esse que é formado... em Ciências Contábeis e a menina que é coordenadora pedagógica.

AB: Os dois são formados?

A: É. Graças a Deus. (A filha) Agora está fazendo um trabalho... na USP de educadora, né Beatriz.

AB: Na Pedagogia.

A: Na Pedagogia, é. E então, Beatriz a gente tentou dar pros filhos o que a gente não conseguiu, né.

AB: Mas... nossa, vocês conseguiram muito, não é! Cada geração...foi melhorando de vida.

A: Viu Beatriz... Nossa! Beatriz, se a minha vida foi difícil, a do meu pai e da minha mãe, coitados. Porque eles viveram as guerras... Então foi assim... eu lembro que a minha mãe contava que quando ela estava me esperando e o meu irmão mais velho, eles ganhavam uns papezinhos que se chama senhas pra ganhar aquela quantidade de pão, açúcar...

AB: Tinha racionamento...

Um indicativo da pobreza da família é a perda de oito irmãos, entre os que morreram e abortados, o que é atribuído à desnutrição da mãe. Ao relatar que os filhos estão estudando, relembra a situação de pobreza dos pais, contrastando, assim, a sua situação econômica no presente em relação ao passado.

Anália faz referência a diferenças de nível econômico entre sua família e a de seu marido. Sua família não tinha terra, eram tecelões manuais e trabalhavam como “jornaleiros”, que, pelo nosso entendimento, corresponderia a trabalhadores diaristas, sem um contrato permanente e formal de trabalho. Ao passo que a família do marido tinha terra e os avós paternos eram alfabetizados. Estas informações indicam a existência de uma diferenciação sócio-econômica entre os camponeses, alguns com a propriedade e outros destituídos da terra e outros meios de produção. No entanto, a análise de apenas uma história de vida é insuficiente para construirmos um quadro da heterogeneidade dos camponeses, bem como a sua influência nas trajetórias sociais dos imigrantes portugueses no Brasil.

Para tanto, precisaríamos ter um conjunto de histórias de vida representativas da diferenciação social.

As duas famílias detinham capitais material e simbólico diferenciados nos termos definidos por Bourdieu⁵⁵, ou seja, acesso desigual à propriedade, renda, educação e prestígio, que os colocaram em posição social diferenciada no início da vida como imigrantes no Brasil.

A posição de gênero é recorrente, ao selecionar na sua memória os relacionamentos sociais com a avó, a mãe, a professora, a melhor amiga, bem como os espaços da casa, da vizinhança, da igreja, do clube portugueses.

A narrativa enfatiza, também, uma noção de família e vizinhança, no caso da aldeia em Portugal, como laços de reciprocidade e complementariedade⁵⁶. Como exemplo, temos o empenho da mãe de Anália, no período que o marido havia migrado para o Brasil, em manter viva a presença simbólica do pai para os filhos:

A: Voltamos pro navio e aí, naquela mesma... noite, o navio já veio pra São Paulo, né. Aí, chegando em Santos, estava meu pai, que eu lembro bem, meu pai...

AB: Você quase que não lembrava dele não é? Porque já fazia 4 anos...

A: Não porque a... Viu, Beatriz, minha mãe, ela nunca deixava a gente esquecer. Praticamente todas as refeições, ela falava dele pra nós. Às vezes chorando, às vezes... como é que eu vou falar? Às vezes falando bem, às vezes reclamando. Porque ele não escreveu, porque ele não mandou nenhuma notícia. E, assim... Então, ela nunca deixou que a imagem dele, se perdesse dentro da gente. Eu acho que fotografia mesmo, Beatriz, ele mandou... uma ou duas fotografias. Nesses quatro anos, uma ou duas fotografias ele mandou. Mas, ela sempre fazendo com que a gente nunca se esquecesse...

A solidariedade entre vizinhos e amigos para enfrentar as condições desconfortáveis de hospedagem no navio e garantir a proteção aos meninos e meninas mostra também a importância atribuída por Anália aos laços de solidariedade.

⁵⁵ Bourdieu (1989).

⁵⁶ Este aspecto também é observado em narrativas de outros grupos sociais de mulheres camponesas e operárias. Menezes (2002) e Barros (1997)

O lúdico na vida dos camponeses e imigrantes portugueses

A narrativa de Anália sobre a infância em Portugal – e adolescência, até a fase do casamento – tem um eixo temático predominante que são as festas religiosas e profanas e as experiências lúdicas.

Quando Beatriz interroga: *E você lembra de lá, da vida lá?*

Anália responde: *Lembro!... Você quer saber assim Beatriz, das brincadeiras...?*

A narrativa sobre a festa do padroeiro da aldeia - Santa Eulália - e da procissão é recheada de detalhes sobre o ritual, os símbolos, as vestimentas, a comida. E quando retorna a Portugal, é novamente a festa que se constitui em um 'espaço narrativo', relata sobre as festas de São Gonçalo, São Sebastião e Santa Eulália, padroeira de sua aldeia.

Quando narra sobre o trabalho da avó 'no jornal', o espaço e tempo dessa atividade está entremeado com o espaço e tempo da festa:

Cantando, cantando. Assim, nessas procissões, não... Mas que nem minha avó, Beatriz, quando eu era menina. Quando ela vinha desse jornal... Que esse jornal era assim: eram pessoas que contratavam outras pessoas para ir trabalhar. Então assim, ao meio da tarde, quando era mais ou menos, lá pras 5 e meia, 5 horas da tarde, eles ofereciam uma merenda pra essas pessoas que iam trabalhar. Então era azeitona, era pão, era figos, era vinho. E, depois... Mas eles trabalhavam... Por exemplo: eles começavam a trabalhar meio dia e meia, 1 hora da tarde, e trabalhavam até, mais ou menos, 10, 11 horas da noite! Isso no verão. E, quando essas mulheres vinham, que até uma coisa eu me admirava, que elas vinham mortas de cansadas. Porque, elas iam pegar o linho ou então o centeio ou cevada. E, depois Beatriz, essas pessoas que contratavam essas... essas mulheres pra irem trabalhar ...

(...) Depois dessas mulheres trabalharem, praticamente 12 horas, essa pessoa que contratava elas pra trabalhar, ele contratava, por exemplo, um sanfoneiro, que tocava sanfona. E essas mulheres, depois do trabalho, dançavam, Beatriz! Assim uma coisa fora de louco. Porque eu lembro, que quando às vezes, quando eu tinha 8, 9, 10 anos, que foi a época que eu vim, eu lembro que, às vezes eu ia esperar a minha avó no caminho.

E a minha avó, depois que ficou viúva, nunca mais colocou uma roupa de cor. De negro. Negro mesmo! Até o brinquinho dela, era uma pedra preta. O ouro ficava atrás e a pedrinha...

Anália relata a árdua labuta cotidiana das mulheres no ‘jornal’⁵⁷ ao trabalharem doze horas na colheita, mas a posterior festa e disposição das mulheres para dançar parecem atenuar a penosidade do trabalho e a degradação dos seus corpos. Assim, a narrativa enfatiza uma relação indissociável entre o espaço e tempo do trabalho e da sociabilidade, em particular das atividades lúdicas. Este modo de organização das relações de trabalho difere das relações de trabalho capitalistas onde há uma separação entre tempo e espaço do trabalho e da sociabilidade, como bem analisou Thompson⁵⁸. Além disto, a relação entre os jornaleiros e o patrão era de reciprocidade, o trabalho árduo realizado com dedicação é retribuído não apenas com o pagamento monetário mas também com o oferecimento da festa com música, dança, comida e bebida. O ritual assemelha-se às trocas recíprocas hierárquicas tão bem analisadas por Marcel Mauss⁵⁹.

No dia seguinte ao ‘jornal’, as mulheres levantavam às 5 horas e estavam prontas para a missa e a labuta do dia. Anália narra também o trabalho familiar de mães e filhos na fiação de linho, da necessidade de ir à missa, mas interrompe estes temas e volta a falar sobre as festas.

Quando era de manhã, mais ou menos o quê, 5 horas, já tinha missa. E antes de ir pro trabalho, todos os dias eles iam à missa. Agora não, né Beatriz. Agora o povo lá... mas no tempo que eu era criança, todo mundo ia à missa! Por exemplo, a gente que tinha escola, então, não ia a missa tão cedo. Ia na missa quando fosse mais ou menos umas 7 horas. Porque a escola, começava às 8. Que nem meu pai, que já era um homem, antes de trabalhar tinha que ir na missa. Né? Então, tinha que ir à missa. Isso era rigoroso. E, então voltando à festa, Beatriz... Tinha aquele cortejo, né? Que passava pela casa das pessoas. E, aí, no sábado, já teve a procissão de tarde e, no sábado, tinha os festejos à noite. Que aí, tinha os fogos de artifício... (toca o telefone) Pode deixar Beatriz, que o menino atende lá dentro...

⁵⁷ Não fica claro se o ‘jornal’ era um trabalho assalariado temporário, pago pelo dia de trabalho, ou se são formas de trabalho coletivo como o tradicional ‘mutirão’, tão bem descrito em etnografias do campesinato brasileiro como as de Antonio Candido (1997) e Willems (1961).

⁵⁸ Thompson (1998).

⁵⁹ Mauss (1990).

Tinha fogos de artifício e tinha as danças. Que, as danças, Beatriz, eram conjuntos que eles contratavam, né, e que dançavam pra gente ver. Mas a gente também não agüentava e lá no terreiro, também dançava junto, né Beatriz. E, era assim que acontecia, geralmente, as festas.

Na viagem ao Brasil, também relembra as festas no navio:

E então nesse... navio, Beatriz, a gente... na passagem do Equador, eles fazem uma festa. A gente põe os salva vidas, eles pintam as crianças de branco e cantam e dançam. Dentro do navio, né. E assim foram vinte dias... vinte dias, Beatriz. Assim também, inesquecíveis porque... tinha música portuguesa. Então, as crianças dançavam, brincavam, ali dentro... eu lembro que, eu era assim muito comunicativa, um senhor pediu pra mim subir em cima de uma mesa e cantar e dançar né? E, aí eu dancei e cantei, junto com a minha irmã que era assim pequenininha, tinha 4 anos também. E a minha mãe, ali junto com nós. E ali já se formou, praticamente, uma festa. Porque são muitas pessoas conhecidas que vinham né, Beatriz.

Ao narrar sobre as visitas da mãe, parentes e vizinhas à Nossa Senhora da Guia, também é ressaltado o aspecto lúdico, da festa:

É. Por exemplo, na época quando a minha mãe ia, ia a minha mãe, ia uma outra tia minha que tinha o marido também aqui no Brasil. Estava no Rio Grande do Sul e outras mulheres ali. Elas se juntavam por exemplo, quatro ou cinco, que estavam disponíveis. 'Olha, tal domingo eu vou à Nossa Senhora da Guia. Tu queres ir junto?' E, iam todas aquelas mulheres e nós, crianças, tudo junto. Aí, já era outra festa. E era engraçado, Beatriz, que elas iam e depois também vinham cantando as músicas que elas se lembravam, de crianças e assim. E a gente também. A vida era muito difícil. Mas, viu, Beatriz, elas eram mulheres muito alegres. Elas não faziam disso uma tristeza assim... Elas achavam que elas tinham que passar por aquilo e aquilo era a vida delas.

Neste fragmento da entrevista, novamente se enfatiza que a vida das mulheres era dura, mas elas eram alegres, sempre há uma ênfase na alegria das pessoas, na vivência do lúdico na vida da família, dos vizinhos e

amigos. Este eixo temático se diferencia de relatos de mulheres de famílias de camponeses do Agreste Paraibano, cujos maridos migram a maior parte de suas vidas, as quais enfatizam o trabalho árduo e o sofrimento na infância⁶⁰.

No relato sobre a vida em São Paulo antes do casamento, narra sobre a vida difícil da mãe como dona de uma pensão para imigrantes portugueses, mas também lembra com saudades os domingos quando visitava o Palácio do Jânio Quadros:

A: Isso! E todos os domingos, o Jânio Quadros abria o Palácio pras crianças. E eu lembro que eu ia. Depois da missa, eu ia ao Palácio pra visitar o Palácio. E tinha quarto da filha do Jânio Quadros que era a Tuca...

AB: Tutu.

A: Tutu! Ai, a gente se deliciava. Saía da missa, um monte de crianças...

AB: E podia entrar dentro do Palácio?

A: Podia! Visitar o quarto do Jânio, o quarto da filha. Isso em 58,57,56. Que ele era o Governador... de São Paulo. Então, eu lembro direitinho do Jânio Quadros! E ele, era um governo tão popular que, aos domingos, ele fazia questão de estar ali, no Palácio, às dez horas da manhã, pra receber o povo. Tinha uma banda de música. Todos os domingos, no palácio, debaixo do carramanchão. E nós ficava ali brincando, né. E subia e entrava no Palácio do Governo. Isso, nesses anos. Então nós estudamos. Eu e o Júlio estudamos no João Kock... Até 1958, já começo de

⁶⁰ “As narrativas de infância centradas no trabalho são recorrentes tanto entre homens quanto mulheres. Pedimos que contassem sobre brincadeiras, muitas vezes, experimentando, outros termos, como infância, jogos, ou mencionando diretamente certas brincadeiras e brinquedos. Mas, para nossa surpresa e desconforto, eles não respondiam à nossa expectativa e questões formuladas. Falavam do trabalho, do cansaço, da velhice e da doença. Durante a realização das entrevistas, refletíamos sobre o processo da entrevista e conteúdos das narrativas e nos perguntávamos: seria o trabalho a única experiência da infância? Se sim, a fase lúdica para esses homens e mulheres havia terminado aos 7 anos de idade? Ou, talvez o trabalho ocupasse a maior parte do tempo cotidiano, obscurecendo o lugar da brincadeira no cotidiano? Ou a infância como uma fase da vida marcada, essencialmente, pelo trabalho árduo, se explicaria como uma representação produzida pelo trabalho da memória?” (Menezes et alii, 2001a)

1959. Ai meu pai alugou uma outra casa na Alameda Santos, né. Ali na Alameda Santos, número 95. E nossa... eu andei muito de bonde! Curtia a Avenida Paulista. Ainda ontem mesmo, passei lá e falei. 'Ai meu Deus, quem viu a Avenida Paulista...'

Se as lembranças da infância e da adolescência têm a marca das festas religiosas, danças e brincadeiras, as lembranças da fase inicial do casamento e de sua experiência como avó têm como eixo temático o trabalho, tanto o doméstico quanto o realizado na pensão na fase inicial do casamento. Na narrativa sobre a vida na pensão, ressalta o trabalho árduo e intenso, porém o lazer e o lúdico não são lembrados, eles ressurgem como um 'espaço narrativo' nas visitas ao Clube Português.

A festa, no entanto, persiste como um eixo temático quando Anália narra sobre os passeios em Portugal, bem como das atividades no Clube Português. Assim, os relatos sobre as festas e atividades lúdicas estão associados ao seu sentimento de pertencimento à comunidade portuguesa, revelando assim uma relação entre a seleção de fatos operada pela memória e o sentimento de identidade, como proposto por Pollack⁶¹.

Ao selecionar e dar significado a certos eventos e experiências em sua história de vida, Anália silencia sobre outros aspectos, que parecem ser os mais traumáticos em sua trajetória. Ela faz uma referência rápida ao assassinato do filho, mas não o relata e deixa o leitor sem entender como aconteceu e as repercussões sobre a vida da família:

A: Não. Ai, Beatriz, eu fiquei com aquela pensão mais um ano, né Beatriz. E aí, depois o proprietário precisou da casa e nós entregamos a pensão pro proprietário e nós fomos lá na Figueira, né. E, depois da Figueira, nós mudamos pra cá. Mas, da Figueira, nós mudamos pra cá porque, nós perdemos um filho né, Beatriz. Com 19 anos. Não sei se também é importante falar isso, né. Nós perdemos esse filho com 19 anos, assassinado. E aí, eu tive que mudar porque não tinha mais condições de ficar ali com o rapaz que o assassinou. Ele morava ali perto, né. E então nós mudamos de lá. Alugamos um apartamento aqui em Santo Amaro. E aí, depois, juntamos mais um dinheirinho, compramos aqui, né Beatriz. E estamos aqui...

Ela silencia sobre o assassinato, pressupondo que este acontecimento poderia não interessar à pesquisadora.

⁶¹ Pollack (1992).

Relações intersubjetivas entre a informante e a pesquisadora

A relação entre a informante e a pesquisadora vivenciada na entrevista, embora tenha como objetivo coletar informações a serem utilizadas pela pesquisadora, permite um diálogo que vai além do verbal, expressando uma reciprocidade contínua dos atos expressivos. Assim, é preciso não só ouvir o que o indivíduo fala, mas o que sua postura corporal exprime, o que o seu silêncio tem a nos dizer, o que está por trás de um determinado tom de voz ou de um olhar oblíquo.⁶² O texto⁶³ produzido resulta do diálogo intersubjetivo entre Anália e Beatriz, o que é bastante perceptível nas recorrências contínuas do nome da entrevistadora na fala da entrevistada. Anália envolve Beatriz, de modo a torná-la co-participante da produção de sua narrativa. Como leitora do texto escrito, imaginei as expressões corporais – os gestos com as mãos, as formas de olhar, os gestos de aproximação corporal entre Beatriz e Anália, as pausas, a aceleração do ritmo da fala em alguns momentos da entrevista - e tive a sensação de ser co-participante do cenário da entrevista.

Assim, a entrevista, embora obedeça alguns procedimentos metodológicos básicos, revela-se, como bem define Thomson⁶⁴ como um ‘encontro perigosamente íntimo’ que envolve hierarquias, formas de narrar, diferenças sociais como classe, gênero, raça, etnia, região, nacionalidade e idade. Observamos que a diferença de nacionalidade entre Anália e Beatriz revela-se mais visível quando Anália narra sobre o preconceito dos brasileiros contra os portugueses. Abaixo destacamos alguns fragmentos:

Há trinta... trinta e três anos atrás. Então, Beatriz, são coisas assim que... A gente não sabe porque, né Beatriz, mas que eles vieram pra ficar... Inclusive, Beatriz, eu falo pra você, eu gosto do Brasil e tudo, mas, nossa, a terra da gente, a gente nunca esquece, né Beatriz.

AB: Mas, Anália, daí você acha que... quando vocês vieram que tinha um preconceito contra os portugueses ou ainda continua?

⁶² Menezes et alii (2001b: 5).

⁶³ Segundo Augras (1997) o informante não nos fornece dados, ele nos fornece um discurso.

⁶⁴ Thomson (2000: 49).

A: *Ah, continua, continua... Inclusive, Beatriz, você sabe que o preconceito é tanto que... você sabe que eu também tento passar a minha história pros meus netos.*

AB: *E a cunhada veio pra cá também?*

A: *Veio já uma vez. A-do-rou o Brasil. Viu Beatriz, porque olha, eu vou te falar, o que o português gosta do Brasil. Gente! É muito bonito. Porque, você sabe Beatriz, a gente às vezes tem um pouco de mágoa do povo brasileiro porque eles acham que a gente consegue as coisas roubando, né Beatriz. Não sei Beatriz, você que vive uma cultura mais assim, até você não...*

AB: *Ah, você acha que há um preconceito contra os portugueses?*

A: *Isso, isso... Do povo brasileiro contra o povo português. Você entende? A gente é marginalizado. Eu já falei, quando eu tiver oportunidade de falar aqui, eu vou falar. Beatriz, o povo português ama, ama o Brasil. De amor de mãe pra filho. Porque eu vi isso na Copa do Mundo. Eu estava na França na casa dos meus primos.*

AB: *Agora, nessa Copa?*

A: *Nessa Copa. Eu estava na França na casa dos meus primos e todos eles torceram pro Brasil. Não pra França. Eles estão lá, eles estão ganhando dinheiro na França, eles têm coisas lindíssimas que a França proporciona pra eles, mas não! Era a bandeira brasileira...*

Nos fragmentos selecionados, pode-se observar as estratégias narrativas utilizadas por Anália para falar sobre o preconceito sofrido pelos portugueses, enaltece o amor dos portugueses pelo Brasil e quando se arrisca a falar sobre o preconceito, empreende todo um jogo de negociação para conquistar a simpatia e compreensão de Beatriz quanto ao seu ponto de vista, utilizando expressões como: “*Você entende? A gente é marginalizado*” ou frases incompletas, como: “*Não sei Beatriz, você que vive uma cultura mais assim, até você não...*”. A incompletude da sentença revela a expectativa de Anália de que a interlocutora possa completar a frase e construir, assim, um significado compartilhado⁶⁵.

⁶⁵ Goffman (1985: 18-9) pretende mostrar que se estabelece uma relação em que os interesses tanto do informante quanto do pesquisador a impulsionam de modo a continuar essa relação sem que haja contradição entre suas falas; o que se pretende é o que ele chama de *consenso operacional* (Menezes et alii, 2001:9).

OBSERVAÇÕES FINAIS

Anália é uma excelente narradora. Foi uma entrevista rica que abordou inúmeros aspectos da vida da imigrante, rememorados e revividos com emoção.

Foi seguramente um interessante experimento, a análise de uma mesma entrevista por três pesquisadoras que não haviam participado do processo da pesquisa. Resultou em análises que enfocam aspectos distintos.

Olga Cabrera, em sua análise, trabalha com a estrutura da narrativa, feita de oposições: a alegria que cerca os relatos da vida em Portugal (as festas, a música, os encontros na comunidade) contrastando com ênfase no trabalho que marca sua narrativa sobre a vida no Brasil. A identidade cultural é construída a partir da diferença com o brasileiro - o “mesmo” é o imigrante português e o “outro”, o brasileiro. Destaca a ambigüidade de ser português no Brasil, pois Anália é e se sente portuguesa, mas em Portugal não é mais reconhecida como tal. O ser que aparece fragmentado é uma condição ontológica do imigrante. Destaca três elementos em sua análise do relato: a mudança social da entrevistada de pobre a classe média, a percepção de que a situação econômica de Portugal mudou no sentido de uma melhoria, e apreende algum laço que teria levado a entrevistadora a chegar a esta imigrante. Mostra a difícil integração no país através da rejeição de casamento com brasileiro.

Olga von Simson aponta a artificialidade da análise de um único relato desvinculado do conjunto. Optou por centrar sua análise na vida de quatro mulheres cuja atuação se sobressai no relato: a avó materna, a mãe, a depoente Anália e a filha já nascida no Brasil. Destaca o papel da mulher, visto através do caso de Anália, como mantenedora da identidade tradicional portuguesa e aponta as estratégias usadas para manter vivas as tradições da terra de origem que busca transmitir aos filhos e netos. Focaliza também o sentimento de discriminação e o preconceito contra os portugueses, evidenciados no relato.

Marilda Menezes enfatiza que a história de uma vida está entremeada na história social. Centra sua análise em três eixos temáticos: primeiro, a posição de classe e gênero; segundo, a representação da localidade de origem como um espaço de festa e reciprocidades diferenciando-se da ênfase no trabalho que marca a narrativa sobre a vida no Brasil; e por fim, analisa a relação intersubjetiva entre a informante e a pesquisadora.

Concordam as pesquisadoras ao admitir a possibilidade de, através da análise de um caso particular considerado como um estudo de caso,

apreender um processo social mais amplo. Mostraram os textos por elas elaborados a riqueza de uma entrevista, as inúmeras possibilidades de análise, os variados aspectos que podem ser observados e selecionados para uma reflexão, dependendo da perspectiva do analista.

Foram olhares diversos, que mostraram a importância de se preservar os documentos criados em uma pesquisa e as possibilidades que oferecem para outros estudos, sob diferentes perspectivas. Olhares diversos que mostraram a importância da análise.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, J. “O grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em história oral”. In *Revista História*. São Paulo, Ed. Unesp, v.14, 1995, pp.125-136.
- AUGRAS, M. “História oral e subjetividade”. In von Simson, O.R.M. (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. São Paulo, Ed. Unicamp, 1997.
- BARROS, M..M. L. “Densidade da memória, trajetória e projeto de vida”. In *Estudos Feministas*, 1997, vol.5, no.1, pp. 140-147.
- BENMAYOR, R. and SKOTNES, A. “Some reflections on migration and identity”. In Benmayor, R. and Skotnes, A. (Eds.) *Migration and Identity. International yearbook of oral history and life stories*, Vol. III, pp. 1-18. Oxford, Oxford University Press, 1994.
- BOSI, E. *Lembranças de velhos*. São Paulo, USP, 1987.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. São Paulo, Difel; Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977.
- DORNELAS, Sidnei Marco. “Os imigrantes portugueses e a devoção a Nossa Senhora de Fátima”. In *Travessia – Revista do migrante*, publicação do CEM, Ano VII, n. 19, maio-agosto 1994.
- GATTAZ, A. C. *Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo, Xamã, 1996.
- GIGLIO, ZULA e SIMSOM, Olga. “A arte de recriar o passado: História oral e velhice bem sucedida.” In Neri, Anita L.- *Desenvolvimento e envelhecimento. Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, Papirus, 2001- (Coleção Viva idade), pp. 141-160.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo, Sumaré/Fapesp, 1991 (Série Imigração).

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Revista Editora dos Tribunais, 1990.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta”. In Meihy, JCSB. (Re) *introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1997.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “História oral: procedimentos e possibilidades”. In Lang, A.B.S.G. *Desafios da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, CERU, 2001 (Textos, série 2, n.8), pp. 91-112.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. "Imigração e história oral: trajetórias e vivências". In Rocha-Trindade , M. B. e Campos, M. C. S. S. (orgs.). *História, memória e imagens nas migrações. Abordagens metodológicas*. Oeiras, Celta Editora, 2005, pp. 135-164.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “Portugueses em São Paulo: memória e identidade”. In Rocha-Trindade , M. B. e Campos, M. C. S. S. (orgs.). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo, Usina do Livro, 2003, pp. 99-130.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “Portugueses em São Paulo: vivências de imigrantes de primeira geração. In Lang, A. B. S. G. (org.). *Realidade brasileira: várias questões, muitos olhares*. São Paulo, Humanitas/CERU, 2002. (Textos, série 2, n.9), pp.153-164.
- LANG, A. B. S. G., Campos, M. C. S. S., Demartini, Z. “Imigrantes Portugueses em São Paulo”. *Janus* 2001, *Anuário de Relações Exteriores*. Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa. (p.142-144).
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Portugueses en Brasil en el Siglo XX*. Madrid, Editorial Mapfre, 1994.
- MAUSS, M. *The Gift: the form and reason for exchange in Archaic Societies*. Translated by W.D. Halls. Foreword by Mary Douglas. New York: W.W. Norton, 1990.
- MENEZES, M. A., AIRES, L .M., SOUZA, M. R. *Memórias de infância de homens e mulheres em famílias de camponeses trabalhadores migrantes (1930-1970)*. Trabalho apresentado no X Congresso Brasileiro de Sociologia. Fortaleza, 3 a 6 de setembro de 2001 a.
- MENEZES, M. A., AIRES, L. M., SOUZA, M. R. *Narrativas de homens e mulheres em famílias de camponeses- trabalhadores migrantes*. X Encontro de Cientistas Sociais do Norte e Nordeste do Brasil. GT: Memória, Narrativa e História Oral, Salvador, UFBA, 15 a 17 de agosto 2001 b.
- MENEZES, M. A.; AIRES, L. M. e SOUZA, M. R. “Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo”. In

- Cadernos de Campo*. São Paulo, Pós-Graduação Antropologia, USP, 2004.
- MENEZES, M. A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes*. Rio de Janeiro, Relume Dumará; João Pessoa, Editora UFPB, 2002.
- MINTZ, S. *Worker in the Cane. A Puerto Rican Life History*. New Haven, Yale University Press, 1960.
- MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o mito do eterno retorno*. Oeiras, Celta Editora, 1994.
- NORA, Pierre. *Les lieux de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.
- PEIXOTO, C. E. “Histórias de mais de 60 anos”. In *Estudos Feministas* 149, n. 1/97, 1o. semestre, 1997, ano 5, pp. 148–157.
- POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”. In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, pp. 3-15.
- POLLAK, M. “Memória e identidade social”. In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Sociologia das Migrações*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995.
- SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.
- SIMSOM, Olga R. de Moraes von– “Identidades conjunturais x identidade tradicional: as múltiplas faces da teuto-brasilidade no interior de São Paulo”. In *Travessia - Revista do migrante*, Publicação do CEM, ano XII, número 35, set.-dez 1999, pp. 5- 9.
- SIMSOM, Olga R. de Moraes von. “A reelaboração da tradição orientando a educação informal: os teuto-brasileiros de Friburgo em Campinas/SP. In Territórios da língua portuguesa: culturas, sociedades, políticas. *Anais do IV Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1 a 5 de setembro de 1996, (coord. de Gláucia Villas Boas), Rio de Janeiro, IFCS, 1998, pp 544 a 553.
- THOMPSON, E. P. “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”. In *Costumes em comum*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- THOMSON, A. “Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral”. In Ferreira, M. M., Fernandes, T. M. e Alberti, V. (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, Diadorim, 2000, pp.47-65.
- WILLEMS, Emilio. *A vila brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.